

# HISTÓRIA DO CORPO

SOB A DIREÇÃO DE  
ALAIN CORBIN, JEAN-JACQUES COURTINE,  
GEORGES VIGARELLO

## 3. As Mutações do Olhar. O Século XX

VOLUME DIRIGIDO POR JEAN-JACQUES COURTINE

4ª Edição

 EDITORA  
VOZES

# I

## ESTÁDIOS

### O espetáculo esportivo das arquibancadas às telas

*Georges Vigarello*

No coração dos primeiros esportes não se acha o espetáculo. O espaço do estádio continua sendo, durante muito tempo, contingente, atravancado, no meio de árvores ou de auxiliares diversos, cercado de linhas mal definidas, de natureza indeterminada. No entanto, a partir dos anos de 1900 começa a se impor uma ordem: locais geometrizados, tribunas calibradas, materiais sólidos. Cercados e cálculos orientam o olhar. Cartazes e cerimônias enobrecem o lugar. Com o avançar dos anos se difunde a forma unificada de grandes anéis maciços. Também se afirma um gosto em que a festa se mistura com as velhas prédicas morais.

Ainda será necessário que o esporte encontre o seu século: mobilidade de espaço, tempo disponível. Coisa que a sociedade industrial permite insensivelmente instalar. Será necessário ainda que muitos interesses façam um público crescer. Coisa que um mercado do espetáculo e do lazer também permite garantir de forma insensível. Tudo mostra a adequação deste cenário com seu universo econômico, político e social: o calendário festivo com novo tempo laicizado, o campeão esportivo com novo modelo de sucesso democrático, o resultado proclamado com um novo modo de identificação.

O esporte, com sua aparente valorização da vida saudável, sua efervescência, sua aparente demonstração do progresso também, torna-se um dos mais importantes espetáculos do século XX. Televisão e cinema, ainda por cima, acrescentam a tudo isso novas maneiras de ver depois de 1950, mais excitantes, mais variadas, dando definitivamente à encenação a sua dimensão planetária: seu valor de espetáculo total. Tudo mostra um desenvolvimento progressivo. Tudo mostra uma irresistível fascinação: uma maneira de contar histórias excepcionais, uma maneira principalmente de transfigurar o ideal em tema sempre mais visível e concreto.

Deve-se ainda destacar a parte de sombra que esse espetáculo pode comportar: desvios financeiros, abandonos sanitários, violências abertas ou mascaradas. O jogo em excesso não é algo próximo do risco? Uma ameaça, numa palavra, consubstancial ao projeto.

### I. Multidões esportivas

A multidão não se acha presente quando se dão os confrontos entre os primeiros clubes na França, nos anos de 1870-1880. Nenhuma ideia de “grandes” aglomerações ainda, nenhuma ideia dessas assistências em massa que obrigam a separar fortemente os que assistem dos que jogam. Os espectadores praticamente se misturam aos jogadores nos primeiros encontros entre estudantes ingleses e franceses no *Bois de Boulogne* no dia 8 de março de 1890, algumas dezenas de homens de cartola, na companhia de umas duas ou três mulheres<sup>1</sup>. Os espectadores também quase ficam misturados com os corredores, com os lançadores, com os saltadores no espaço previsto para os esportes atléticos nas Tulherias em 1891, alguns homens ainda, alguns dos quais parecem simplesmente ter-se desviado de seu passeio, neste “quadro muito decorativo, digno de uma arena antiga”<sup>2</sup>.

---

1. *L'Illustration*, 08/03/1890.

2. *Ibid.*, 22/09/1902.

### 1. A expectativa moral

Os primeiros espaços esportivos não são pensados para grandes assistências. Os moralistas do esporte julgam, aliás, que o espetáculo é parcialmente contraditório com seu projeto: se fosse demasiadamente "admirado", o esportista seria mais pervertido que enaltecido, mais explorado que honrado. Juízo peremptório, com toda a certeza: as multidões invadirão os estádios do século XX, a ponto de suscitar verdadeiras revoluções arquitetônicas e, sem dúvida também, verdadeiras revisões de discurso. O espetáculo vai se apoderar do esporte quase sem que este o queira.

Aliás, Coubertin fala pouco dos espectadores nos milhares de páginas consagradas por ele às práticas físicas. Suas ideias, todavia, são claras. O espetáculo deixa-o inquieto: a exibição "consagra o esportista"<sup>3</sup>, mas ao mesmo tempo o "defrauda", ela o legitima e ao mesmo tempo o ilude. Ela o faz agir por intenções perturbadoras, a aparência, a fatuidade, ao passo que o esportista deve agir visando um ideal: a edificação moral e a gratuidade. O espetáculo, noutros termos, seria ambíguo: importante e enganador, fascinante e suspeito. A multidão também inquieta o barão, segundo uma visão não confessada, mas quase explícita que opõe a elite ao popular, o seletivo ao massivo. A multidão é a massa barulhenta. É paixão imprevisível, amontoado confuso: o contrário da distinção individualista que a burguesia "competitiva" do fim do século XIX tende a valorizar<sup>4</sup>. Essa multidão que vai conquistando os espaços do lazer urbano com a sociedade industrial seria simplesmente "feia"<sup>5</sup>. Daí o temor de arquibancadas muito vastas, a angústia do número, essa recusa de recintos esportivos invadidos por um público demasiadamente numeroso: "Você pode tentar embelezar uma praça de esportes

3. COUBERTIN, P. "Os espectadores". *Revue Olympique*, 1910, p. 28.

4. Cf. LEQUIN, Y. Os espaços da sociedade citadina. In: LEQUIN, Y. (org.). *Histoire des français, XIX-XX<sup>e</sup> siècle* - T. II: La société. Paris: Armand Colin, 1983.

5. COUBERTIN, P. "Os espectadores". Art. cit., p. 28.

por todos os meios e colocá-la em uma paisagem das mais encantadoras; uma vez repleta, desenhara quase sempre um bloco hediondo”<sup>6</sup>.

Mas o problema é mais complexo, com certeza. Os primeiros Jogos Olímpicos da atualidade são o exemplo mesmo de cerimônias feitas para inflamar o entusiasmo e a admiração: “desfile com tochas em redor da praça da Constituição” em Atenas, em 1896, fanfarras, bandeiras de todas as nações estrangeiras “levantando à sua passagem as aclamações”<sup>7</sup>. Uma brochura especial da *Revue Olympique* narra em pormenores, a partir dos anos de 1910, aquilo que chama de “Decoração, pirotecnia, harmonias, cortejos”<sup>8</sup>. O leitor é informado sobre como dispor as bandeiras, as grinaldas, os troféus, seguir bem os estandartes apesar dos caprichos do vento, orientar as arquibancadas ou os pórticos, ordenar os deslocamentos ou reger a harmonia dos sons. Coubertin quer edificar. Quer transformar o esporte em exemplo. Quer atrair, cativar. Coisa que nem sempre é compatível com a atitude confidencial que está visando.

## 2. Estádios e multidões

O espetáculo, seja ele qual for, é o que predomina desde as primeiras décadas do século XX. As massas de espectadores aumentam inexoravelmente. A ascensão é visível na simples sucessão das gravuras daquele tempo: “os campeonatos mundiais de tênis”, por exemplo, disputados em Saint-Clément em 1913, desenrolam-se diante de arquibancadas casualmente arranjadas, compreendendo algumas filas de espectadores; estes mesmos campeonatos em 1921 ficam cercados de arquibancadas solidamente instaladas, estreitas

6. Ibid. Cf. tb. MacALOON, J.J. *This great symbol: Pierre de Coubertin and the origins of the modern olympic games*. Chicago: The University of Chicago Press, 1981, p. 195: “Um espetáculo indescritível”.

7. COUBERTIN, P. *Souvenirs d'Amérique et de Grèce*. Paris: Hachette, 1897, p. 155.

8. Cf. *Revue Olympique*. “Brochura especial”: *Décoration, pyrotechnie, harmonie, cortège*. Essai de ruskimianisme sportif, 1912, Paris.

mente uni  
já o tornei  
das arquit  
espectador

Depois  
no entanto  
atletismo d  
res no seu  
1908, em L  
sos espetáci  
velódromo  
no coração  
organizador  
tura provas  
tes, com gine  
riqueza e a p  
melhante sin  
cluída desta  
olhar ainda le

Os olhare  
evidente para  
nos anos de 19  
te uma pista e  
das. Ai só é toli  
*L'Illustration* n.  
merados para a  
de 1925, multij

9. Cf. *L'Illustration*

10. *Revue Olympique*

mente unidas em torno da quadra, e com mais de vinte filas de espectadores; já o torneio da Taça Davis em Roland Garros em 1932 se desenrola diante das arquibancadas panorâmicas e bem altas com capacidade para “dez mil espectadores ofegantes”<sup>9</sup>.

Depois de hesitações e tentativas examinadas de novo, os dispositivos, no entanto, sistematizam-se e se especificam com o tempo. O estádio de atletismo dos Jogos Olímpicos de 1900, em Paris, tolera ainda algumas árvores no seu centro, misto de natureza e de artifício. O estádio dos Jogos de 1908, em Londres, já é feito só para o olhar, enquanto mistura ainda diversos espetáculos: estádio “fantoche”, possui uma pista coberta de cinza, um velódromo a seu redor, e uma piscina cercada de pedra e de madeira cavada no coração do gramado, para que ali se desenrolem corridas e mergulhos. Os organizadores então se orgulham por fazerem suceder à cerimônia de abertura provas que ocorrem todas no mesmo momento, em três áreas diferentes, com ginastas de reserva evoluindo no gramado, para melhor sublinhar a riqueza e a profusão do esporte: “Nunca se havia ainda assistido a uma semelhante simultaneidade de exercícios; a monotonia estava totalmente excluída desta grandiosa festa da cultura muscular”<sup>10</sup>. A vontade de ofuscar o olhar ainda leva a melhor sobre a de especificar o espetáculo.

Os olhares se focalizam, no entanto, com o passar dos anos: constatação evidente para os jogos mais populares de bolas e os estádios que suscitam nos anos de 1920. A organização se afinou, o objetivo se simplificou: somente uma pista em volta de um gramado para atividades, estas mesmas separadas. Aí só é tolerada uma prática para olhares, estes mesmos mais numerosos. *L'illustration* narra em pormenores o comportamento dos espectadores aglomerados para a partida de futebol-rugby França x Inglaterra, no dia 11 de abril de 1925, multiplicando as imagens de formigueiro e de fervor: “O que chama

---

9. Cf. *L'illustration*, 14/06/1913, 11/06/1921, 06/08/1932.

10. *Revue Olympique*, 1908.

acima de tudo a atenção são os assistentes. Chegam incansavelmente aos pátios, como cachos [...], massa ao mesmo tempo trepidante e compacta; sombrio e vivo tapete, lançado sobre a imensidão das arquibancadas”<sup>11</sup>.

O estádio de Colombes, construído para Os Jogos Olímpicos de 1924, é na França o primeiro modelo que combina o acesso das massas ao afinamento do olhar, “um dos maiores e mais bem organizados do mundo” com suas tribunas desenhando um “perfil parabólico”<sup>12</sup>, seus “20.000 lugares sentados e 40.000 lugares descobertos”: recinto construído na periferia urbana para melhor explorar o espaço, rede de transportes para facilitar o acesso, preocupação estética para valorizar ainda mais o local. Os guias de Paris insistem no êxito e na novidade do projeto a ponto de aconselharem sua visita aos leitores dos anos de 1920<sup>13</sup>.

### 3. *Excitar-se*

É necessário demorar-se nas efervescências provocadas, apesar de sua aparência muito simples: tensão do embate, excitação da incerteza, fervor do recorde, do excepcional, brutal sentimento do progresso que se obtém com a *performance* ou com a marca fora de série. Aquilo de que o interesse pelos “homens fenômenos” já se tinha aproximado no final do século XIX: “com seus resultados extraordinários constituindo um dos ramos mais curiosos da fisiologia humana”<sup>14</sup>. O esporte põe em confronto com o imaginário do desenvolvimento e do progresso. Põe mais ainda em confronto com o extremo, com um “mais” sempre ultrapassado: esta “tendência para o excesso” em que Pierre de Coubertin identifica “nobreza e poesia”<sup>15</sup>. O que os pro

11. *L'Illustration*, 11/04/1925.

12. *Ibid.*, 23/02/1924.

13. Cf. *Paris-Guide*: le guide de la vie à Paris, 1926, p. 295.

14. GUYOT-DAUBÈS. *Les Hommes phénomènes*. Paris: Masson, 1885, p. 1.

15. COUBERTIN, P. “A psicologia do esporte”. *Revue des Deux Mondes*, 01/07/1900, p. 67.

prio:  
ache  
e ma  
novo

A  
deser:  
o ines  
cam-s  
vie au  
zonte  
elabor  
guias c  
monun  
rezas e

As  
lo: surg  
de inter  
baldios:  
porte m  
do com  
metade  
grafo en  
nova exi  
modern

16. MULLE  
superação,  
sport conte:  
17. Cf. RAU  
des loisirs,  
18. *Les Jeux*

prios atores apresentam avivando o espetáculo e o empenho: "Eu mesmo me achei tão esgotado depois de uma competição de remo, que vomitava bílis e mal podia levantar-me do barco. Mas um quarto de hora depois, estava de novo em pé e ganhava uma nova corrida"<sup>16</sup>.

A isso se soma, para o espectador, o prazer muito físico suscitado pela desenvoltura dos corpos observados, a velocidade ou a força dos aparelhos, o inesperado ou a distância das escapadas. Os espaços cruzam-se, multiplicam-se as naturezas. As máquinas principalmente, aquelas ilustradas por *La vie au grand air*, o principal jornal de esportes desde 1898, instalam no horizonte cotidiano o das distâncias e o do outro lugar. No momento em que se elabora a ideia da viagem e das férias, em que o Touring Club publica seus guias desde 1897<sup>17</sup>, em que Adolphe Joanne termina sua série dos *Lugares e monumentos da França*, a apresentação de um esporte que atravessa as naturezas e os lugares provoca o imaginário.

As "massas" esportivas também se movem insensivelmente com o século: surgem tanto novos princípios de comunicação como novos princípios de internacionalização. Elas simbolizam definitivamente o fim dos terrenos baldios: regulamentos unificados, encontros distantes e acelerados. O esporte materializa o progresso da viagem dos seres humanos, o que fora iniciado com as exposições universais e com os congressos científicos da segunda metade do século XIX: "As grandes invenções, a estrada de ferro e o telégrafo encurtaram as distâncias e os seres humanos começaram a viver uma nova existência"<sup>18</sup>, constataam os inventores dos primeiros jogos olímpicos modernos. O esporte materializa igualmente o lento acesso ao tempo livre,

---

16. MULLER, J.P. *Le livre du plein air*. Copenhague: H. Tillge, 1909, p. 110. Sobre o tema da superação, cf. o livro fundamental de Isabelle Queval: *S'accomplir ou se dépasser – Essai sur le sport contemporain*. Paris: Gallimard, 2004.

17. Cf. RAUCH, A. As férias e a natureza revisitada. In: CORBIN, A. (org.). *L'avènement des loisirs, 1850-1960*. Paris: Aubier, 1995, p. 100.

18. *Les Jeux Olympiques de 1896 – Rapport officiel*, 2ª Parte, p. 1.

aquele que autoriza o esboço de um turismo esportivo de repente mais sensível a partir da década de 1920<sup>19</sup>.

#### 4. Identificar-se

Não se poderia compreender essa excitação sem uma instância psicológica e social suplementar, uma dinâmica específica que lhe aumenta o impacto: a identificação com os atores. O vencedor grego da maratona, por exemplo, nos jogos olímpicos de Atenas, em 1896, ocupa o centro da devoção nacional: “uma senhora tira o relógio e o manda de presente ao jovem herói do dia; um hoteleiro patriota lhe dá um bônus de 365 refeições”<sup>20</sup>. A partida de futebol-rugby entre a França e a Alemanha, no dia 14 de outubro de 1900, nos jogos de Paris, constitui da mesma forma o objeto de um investimento até então jamais visto, mesmo que tivesse uma assistência limitada só a 3.500 pessoas: sentimento “exacerbado” no público, “com aperto no coração”<sup>21</sup> pelos jogadores, conflitos latentes que poderia inflamar-se ao menor incidente. Este resultado adquire um sentido: sinal de valor coletivo, forças e recursos plurais, prioridade concedida ao valor saúde. Um modo de confirmar força e progresso. E isso leva a imprensa a não dar tanto valor às vitórias obtidas por nações desde as primeiras manifestações olímpicas.

Tal como nos jogos do *Ancien Régime*<sup>22</sup>, mais que nesses jogos porque o espetáculo não demora a ser claramente pensado, esta parte de identificação com o ator orienta e especifica a excitação. Confere-lhe profundidade e acui-

19. L'Auto dos anos de 1920 sugere “forfaits” para os grandes encontros: bilhetes de viagem, entradas para o estádio, cobrados junto com as diárias de hotel.

20. COUBERTIN, P. *Souvenirs d'Amérique et de Grèce*. Op. cit., p. 150.

21. MÉRILLON, D. *Exposition universelle de 1900 – Rapport sur les concours internationaux d'exercices physiques et de sports*. Paris: Imprimerie Nationale, 1901, t. 1, p. 65.

22. Os jogos antigos são aqui os jogos do *Ancien Régime*: cf. VIGARELLO, G. Exercitar-se, jogar. In: CORBIN, A.; COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. (orgs.). *História do corpo – Vol. I: Da Renascença às Luzes*. Petrópolis: Vozes, 2008.

dade. Confirma também a legitimidade que tem o esporte como objeto, seu lento sucesso na sociedade que a criou. Fabrica acima de tudo "heróis" – seres particulares, próximos e distantes ao mesmo tempo, inacessíveis e familiares. Aí está uma das novidades: *La vie au grand air*, desde o começo do século, publica uma "galeria das celebridades esportivas"<sup>23</sup>, cujas imagens ocupam toda uma página, engrandecidas pelas gravuras, enaltecidas pelo comentário. A sociedade esportiva cria seus próprios modelos. "Precisa-se de heróis"<sup>24</sup>, insiste já em 1903 o inventor do Tour de France (Volta da França), apontando uma das molas mestras imaginárias do espetáculo: a criação, real ou suposta, de uma "lenda", a construção de um espaço mítico. A "promoção" de Garin, por exemplo, o primeiro vencedor da Volta: "Conservei, a partir de então, por esse Maurice Garin, a mesma admiração de criança pelos heróis legendários"<sup>25</sup>.

Outra característica atravessa esses personagens, paradoxal, mas decisiva: o "campeão", ainda que fosse excepcional, continuaria sendo "natural", ainda que a prova fosse aparentemente fora de qualquer medida, ainda seria "humana", esportiva, igualitária<sup>26</sup>. Simplesmente um engrandecimento que é exemplar na sociedade democrática. A atitude de Lapize atravessando o Aubisque coberto de neve, em 1910, diz-o à sua maneira. Esgotado, revirando os olhos, mas à frente dos concorrentes, carregando a bicicleta nas mãos, Lapize interpela Breyer, diretor da corrida, exclamando: "Assassinos!"<sup>27</sup> O herói não é um homem como os outros?

A "promoção" do campeão seria, então, transparente, capaz de revelar suas singulares qualidades pessoais, sem ascendência nem herança. O ven-

---

23. Cf. *La vie au grand air*, 1904.

24. *L'Auto*, 27/07/1904.

25. *Ibid.*

26. *Ibid.*, 15/07/1903.

27. *Ibid.*, 13/07/1910.

cedor é próximo e ao mesmo tempo inacessível, igual e não igual. Não demora a surgir uma fascinação muito especial, um imenso sonho social através da identificação com este ser todo particular. A Volta da França, tal como o esporte, permitiria aqui pensar melhor a contradição das sociedades democráticas: cancela o conflito entre uma igualdade de princípio e uma desigualdade de fato<sup>28</sup>, um “desejável” igualitário e um “real” mais prosaico. Algo que jamais chega a constituir nosso universo cotidiano. O esporte ajuda a crer: permite sonhar com uma perfeição social, sem levar em conta as complicações obscuras, as proteções. Ilustraria a possibilidade de se chegar à vitória contando só consigo mesmo.

Será que assim se eliminariam as culturas tradicionais? Apagar-se-iam as convicções religiosas? Desbotar-se-ia a imagem dos heróis provenientes das velhas associações de terrenos baldios? Fato é que o esporte elabora, no fim do século XIX, uma coerência de representações totalmente novas, um repertório de atos e símbolos onde se reflete, ou mesmo com ele se identifica, o imaginário coletivo. Uma construção ligada às sociedades industriais e às democracias.

### 5. *Narrar*

A narração adquire, nestas circunstâncias, outra profundidade. Declina a lógica da igualdade nos mais diversos registros, segundo variam circunstâncias e acontecimentos. Isso reforça a identificação. Isso permite igualmente o nascimento de uma nova forma de imprensa, que não só relata, mas comenta as provas. *Le Velo*, *Tous les sports*, *La vie au grand air* se especializam em um modo de dizer e narrar as competições. Uma página da imprensa esportiva do começo do século se torna uma página de episódios sucessivos: a escalada de um “declive a pique” no “Crosscountry nacional” de 1904, por exemplo, os fracassos inesperados de alguns favoritos, a insensível arranca-

28. Cf. EHRENBURG, A. “Estádios sem deuses”. *Le Débat*, mai.-set./1986.

da de Ragueneau<sup>29</sup> antes da sua vitória nesse mesmo *cross*, ou a infeliz pane de Notier, no mesmo ano, quase na chegada da corrida de lancha de Mônaco<sup>30</sup>. À nova organização dos jogos, o novo lugar que lhes é atribuído se associa uma nova arte de narrar e criar heróis.

Isso especifica ainda mais o estilo “literário” das reportagens: elas constroem um cenário dramático. Criam-no até algumas vezes em todos os elementos: a primeira etapa da Volta da França de 1904, Paris-Lyon, desenrolou-se sem fatos dignos de nota, por exemplo, mas o texto de Desgrange frisa incidentes, distingue aceleradas, armadilhas. Garin, primeiro vencedor em 1903, favorito em 1904, multiplicaria réplicas e exibicionismo: “A noite é uma verdadeira matilha, ataca-o sem tréguas, tenta-o, espreita suas falhas”<sup>31</sup>. Formigam os episódios reais ou supostos. O artigo orienta a admiração e, certas vezes, fixa-a. É ele que aponta a “façanha”. Garin, nessa aventura lio-nesa, passa a ser um ente excepcional: o “pequeno limpador de chaminés italiano” que se naturalizou francês, e ganhou a corrida em 1903, é qualificado como “soberbo animal de combate”, “ciclista hercúleo”, um “gigante”.

Dá a riqueza das figuras narrativas onde o “melhor” tranquiliza triunfando, onde o rival também pode se afirmar, onde toda a solicitude vai algumas vezes para o mais fraco e onde, na solidão dos grandes desfiladeiros, somente o mérito deveria permitir a vitória. Os perfis combinam-se entre si, contrapõem-se, ajustam-se para variar as linhas do drama e o prazer do espetáculo. O tom ditirâmico se impõe mais ainda do que busca seduzir. A imprensa deve exaltar para melhor se difundir. Faz-se de tudo, frisa Jean Calvet num livro muito lindo, para que a corrida “se torne uma epopeia popular e dê origem a um mito”<sup>32</sup>.

29. *La vie au grand air*, 1904, p. 165.

30. *Ibid.*, p. 284.

31. *L'Auto*, 27/07/1904.

32. CALVET, J. *Le mythe des géants de la route*. Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble, 1981, p. 164.

## 6. A moral e o dinheiro

O mecanismo da fabricação de heróis pode misturar, deve-se dizer, comentário e interesses financeiros. A imprensa esportiva conquista um público. Conquista-o principalmente porque é capaz, no caso do ciclismo, de narrar aquilo que os espectadores da beira da estrada não podem ver: episódios obscuros, dramas, o fio da história. E o conquistista ainda mais se ela mesma organizar a corrida. Foi o que *Le Petit Journal* compreendeu ao realizar Paris-Rouen a partir de 1869. Foi o que Henri Desgrange compreendeu melhor que qualquer outro ao realizar a Volta da França de 1903. O projeto é claro: o diretor de *L'Auto*, antigo funcionário de cartório e recordista da Corrida Contra o Relógio, propõe uma competição "grandiosa", simplesmente para aumentar as vendas do diário e derrotar o concorrente, *Le Vélo*. A dureza e a extensão (2.460km) dessa primeira corrida por etapas são feitas para tocar a imaginação. A tentativa é bem-sucedida: a prova seduz um público, a tiragem do diário triplica em poucos dias (de 20.000 para mais de 60.000 exemplares), enquanto *Le Vélo* perde seus leitores. Sucesso amplificado, ainda, pelo jogo publicitário: a difusão maior reforça o valor de mercado dos anúncios do jornal.

A Volta da França supõe, como se vê, uma "modernidade" prévia, uma prática publicitária de grandes empresas industriais: a invenção de competições físicas que, antes mesmo de serem morais ou pedagógicas, estão integradas nas leis do mercado. Mas essa montagem financeira supõe igualmente, é bom repetir, uma aceleração das comunicações, uma quase instantaneidade das informações. A Volta da França implica a "quebra das barreiras contemporâneas"<sup>33</sup>.

Não demora, porém, para que uma tensão oponha a moral dos profissionais ligando a façanha esportiva e seu preço à dos amadores que liga a fa-

33. Não é por acaso que o historiador da bicicleta, no caso Eugen Weber, seja também o de *La fin des terroirs* (Paris: Fayard, 1983).

nhã  
cap  
fim  
par  
"tra  
pej  
tre  
sior  
dia  
ten  
to  
fissi  
pet  
das  
moi  
con  
vers  
vue  
de t  
exis  
prêi  
to ei  
con  
dou.

34. C  
35. II  
36. "

nha e a gratuidade. O conflito se aguça ainda mais quando o amadorismo foi capaz de reivindicar uma certa “nobreza”. As grandes vozes esportivas do fim do século XIX adotaram um raciocínio sistemático: ganhar músculos para ganhar dinheiro é tornar servil a sua força, é aceitar eventualmente “trair”, depender do pagador e não de si mesmo. Multiplicam-se as imagens pejorativas sobre esse tema, as do campo de corridas, as do circo antigo, entre outras, na pena sempre colorida de Pierre de Coubertin: “o atleta profissional se parece com um cavalo puro sangue”<sup>34</sup> ou com um “miserável gladiador”<sup>35</sup>. O corpo do atleta profissional é um corpo mercenário: não se pertence. Pode-se ver bem como nessas primeiras práticas é difícil associar culto “verdadeiro” do corpo e dinheiro, aquisição “verdadeira” de força e profissionalização: estas competições, ainda mal conhecidas, no começo do espetáculo esportivo deixam imaginar algo de perversão se não são controladas de ponta a ponta.

Pode-se ver, mais ainda, como a vontade de fundar a prática sobre uma moral, aquela que constituiria toda a sua especificidade, tem incontornáveis consequências: uma tendência ao dogma. Coisa que é confirmada pelas diversas “cartas do amadorismo” regularmente editadas ou revisadas pela *Revue Olympique*, desde o princípio do século XX, exigindo que “a tendência de todos os esportes, sem exceção, vá para o amadorismo puro, já que não existe nenhum motivo permanente, em nenhum esporte, para legitimar os prêmios em espécie”<sup>36</sup>.

Julga-se necessário, aliás, excluir a empresa esportiva, a partir do momento em que ela se declara “símbolo moral”. Cabe-lhe confirmar a “excelência”, concretizando as proibições. Cabe-lhe claramente circunscrever o seu criadouro, valorizá-lo, diferenciar premiados e banidos, puros e impuros. Sen-

34. COUBERTIN, P. “Conferência”. *Les Sports Athlétiques*, 13/07/1893, p. 3.

35. *Ibid.*

36. “Carta do Amadorismo”, art. VI. *Revue Olympique*, jan/1902, p. 15.

te-se no dever de estabelecer fronteiras: a do amadorismo e a do profissionalismo, durante muito tempo esse papel no quadro do esporte olímpico.

Fronteiras ambíguas, sem dúvida alguma, visto que os profissionais reivindicam igualmente uma moral. Henri Desgrange, com seus corredores profissionais da Volta da França, não pretende compor um “batalhão sagrado do esporte”?<sup>37</sup> Um panteão onde pontifica Garin, o primeiro vencedor, mas também todos aqueles que o diretor da Volta quer ilustrar, os atletas considerados “excepcionais”: Aucouturier, com seus “pulmões de folclore de ferro”, Christophe, o “velho Gaulês”, Faber, o “gigante de Colombez”, Pottier, vencedor do campeonato de futebol da Alsácia em 1906, imortalizado por um monumento que Desgrange mandou erguer no alto do desfiladeiro dois anos depois. A multidão logo confirma a fascinação. O velódromo de Marselha, por exemplo, fica tão lotado em 1914, que suas portas devem ser fechadas duas horas antes da chegada dos corredores.

O heroísmo permanece, aliás, independente do conflito entre amadores e profissionais. O que mostra de passagem a especificidade desse conflito, ligado mais à necessidade para os atores de exibirem uma “pureza” que à de se mudarem as regras do jogo. O conflito sugere uma forma de competição: uma rivalidade quanto ao ideal, um gosto pela “papelada inquisitorial”,<sup>38</sup> permanecendo ao mesmo tempo tão singular como um negócio de família. Nada capaz de mobilizar, de fato, o espectador, mais apegado à maquinaria competitiva que aos “detalhes do treinamento”.<sup>39</sup> Quem o confirma, aliás, é Pierre de Coubertin ao sublinhar a inevitável tolerância diante do “espírito profissional”.<sup>40</sup>

37. *L'Auto*, 04/07/1907.

38. *Ibid.*

39. COUBERTIN, P. “Questão de amadorismo”. *Revue Olympique*, fev./1907, p. 218.

40. COUBERTIN, P. “Novos aspectos do problema”. *Revue Olympique*, nov./1913, p. 178.

41. *Ibid.*

O espet  
bre a in

II. O e

A a  
ção dâc  
guras c  
ganhar  
sições  
compl  
turas l  
e cinis  
camin

A  
empei

I. A ‘

A

Carpi  
Sua h  
res n:  
ringu  
Fran  
delo  
dinh

42. R  
este t

O espetáculo, com sua incerteza, sua igualdade confrontada, leva a melhor sobre a imagem mais complexa de seus preparativos ou de seu custo.

## II. O entusiasmo e o mito

A afirmação do lazer, a extensão da imprensa, a diversidade da informação dão a este espetáculo um peso definitivo no período entre-guerras. As figuras que ele gera ganham em densidade, as identificações que multiplicam ganham em desafios. Os heróis dos esportes jogam como nunca com as oposições nacionais e os investimentos coletivos, portadores de perfis mais complexos, quando não mais profundos. Jogam também com as grandes frações políticas, os totalitarismos, as valorizações obscuras onde propaganda e cinismo podem dar-se as mãos. "Sucesso", mais uma vez, mesmo que por caminhos tortos.

A visibilidade do campeão passa a ser como nunca a de uma nação que empenha vigor e saúde.

### 1. A "densidade" do herói

A penetração do esporte no tecido social aviva essas imagens. Georges Carpentier, por exemplo, encarna um dos primeiros pugilistas "símbolos". Sua luta contra Jack Dempsey em 1921 opõe de modo muito explícito valores nacionais, enquanto anteriormente mal havia transposto "as paixões do ringue"<sup>42</sup>: a França contra a América, sem dúvida, mas principalmente uma França, a de Verdun, aquela que pensa ainda em acreditar na aliança do modelo burguês e do modelo campesino, contra uma América, a da técnica e do dinheiro. Os norte-americanos fazem de Dempsey o símbolo da modernida-

---

42. RAUCH, A. *Boxe, violence du XX<sup>e</sup> siècle*. Paris: Aubier, 1992, p. 125. A análise sugerida por este texto tem aqui muita importância.

de; os franceses veem em Carpentier o símbolo da sutileza, da tradição renovada. Carpentier seria um “intelectual do esporte”<sup>43</sup>, diz *Le Temps*, um “analista, senhor de seus reflexos”, ao passo que Dempsey seria um homem intempestivo, sem escrúpulos, sem atenção. Toda a inquietude da velha Europa diante do Novo Mundo na defesa de um pugilista de silhueta longilínea e robusta: um jeito de aplicar uma retórica nacional, inventar uma lógica de confronto. É certamente o investimento no atleta que o exprime aqui: o fato, para Carpentier, de traduzir com tanta força o símbolo, o de uma França que quer encantar, perfilar um futuro diante da potência em ascensão. O herói assim promovido compõe um perfil mais rico e mais completo<sup>44</sup> que o das primeiras “celebridades esportivas” fixadas em 1900 em *La vie au grand air*<sup>45</sup>.

O público que se acotovela nos Boulevards para procurar se informar sobre o resultado da luta entre Carpentier e Dempsey em Jersey City, na noite do dia 2 de julho de 1921, o confirma a seu modo, e ao mesmo tempo confirma o novo lugar atribuído às informações “instantâneas”. “Foguetes” de cores diferentes devem “dizer” o resultado do combate depois de sua comunicação por “ondas” ao jornal *Sporting*, situado no Boulevard Montmartre, 16. Cafés e restaurantes fizeram assinaturas com agências telegráficas para informarem sua clientela. Teatros e salas de cinema também prometem anunciar o resultado<sup>46</sup>. Esporte e sociedade da informação deram início à sua convergência decisiva.

Um sem-número de meios para a difusão das notícias. Muitos agentes para o reforço do Olimpo. É necessário insistir sobre esta dinâmica. André Leducq, campeão generoso e sorridente, símbolo do “bom-humor francês”;

43. *Le Temps*, 01/07/1921.

44. Cf. tb. WHITELEY, J.H. (org.). *The Book of British Sporting Heroes*. Londres: National Portrait Gallery, 1998.

45. Cf. acima, p. 451 e 453.

46. O livro de RAUCH, A. (*Boxe, violência do XX<sup>o</sup> século*. Op. cit.) apresenta, deste ponto de vista, a informação mais preciosa.

venced  
nizado  
coste, i  
zem po  
tradiçã  
uma el  
da na d  
Erguen  
Suzann  
ca: ela i  
sos, ser  
prensa  
midáve

## 2. Desc

Obj  
ser obje  
que atra  
deroso  
co. Daí  
truções  
resistir.  
prazer d  
atitude  
vendo q

47. Cf. DL  
cicleta". S

48. Illustration:

vencedor da Volta da França de 1932, aumenta a vendagem de *L'Auto*, organizador da prova, para 700.000 exemplares<sup>47</sup>. Suzanne Lenglen ou René Lacoste, vencedores de "simples" no Torneio de Wimbledon, em 1925, satisfazem por sua vez uma expectativa frustrada: não apenas interrompem uma tradição de vitórias inglesas, mas também manifestam uma distinção, uma elegância que contribui para contestar a oposição, geralmente admitida na década de 1920, entre uma Inglaterra industrial e uma França rural. Erguem uma imagem, encarnam uma desforra coletiva. A isso acrescenta Suzanne Lenglen o símbolo de uma presença nova da mulher na vida pública: ela mesma é incomparável no seu esbanjar de gestos eficientes e graciosos, sem igual em uma mobilidade mais livre e segura. Daí o orgulho da imprensa francesa quando "até os ingleses só chamam a jovem campeã 'a formidável Lenglen' e a representam sob todos os aspectos"<sup>48</sup>.

## 2. Desafios políticos

Objeto que se tornou universalmente visível, o esporte passa também a ser objeto sempre mais "cobiçado" pelos que "fazem" opinião, um suporte que atrai mensagens ou propagandas: um meio de focalização tanto mais poderoso quanto mais difundido. Daí essa permeabilidade acentuada ao político. Daí essas explorações heterogêneas, sempre mais numerosas, essas insinuações de peso às quais o apoliticismo esportivo de princípio não é capaz de resistir. A emergência das grandes provas não é somente o sinal de um novo prazer do espetáculo, é também o sinal de um desafio muito preciso, como a atitude ambígua de um Maurras durante os jogos de Atenas em 1900: "Estou vendo que este internacionalismo não matará as pátrias, mas as fortale-

47. Cf. DURRY, J. "Um campeão popular: André Leducq, vencedor da Volta da França de Bicicleta". *Sport Histoire*, n. 1, 1988.

48. *L'Illustration*, 11/07/1925.

cerá"<sup>49</sup>. Os valores profundos das coletividades aqui se acham bem compreendidos. E mais que nunca o serão com os totalitarismos dos anos de 1930.

Os gestos e os rituais dos Jogos Olímpicos de Berlim em 1936 são um exemplo dessa tendência. O órgão de esportes do Reich, o *Reichssportblatt*, o diz à sua maneira em um número de 1935: "Com estes jogos, foi posto em nossas mãos um inestimável meio de propaganda"<sup>50</sup>. As equipes alemãs são praticamente profissionalizadas para melhor garantirem as vitórias nacionais, demonstrar recursos coletivos de carne e sangue<sup>51</sup>. A organização dos encontros é quase militar, para melhor demonstrar o mesmo poder mobilizador. Tudo, nesses jogos, lembra uma ordem: multidões contínuas, onipresença dos oficiais, fórmulas codificadas a todo instante repetidas. Tudo aí é símbolo: uniformes e insígnias, bandeiras e cruzes gamadas. Cada momento da cerimônia esportiva é confiscado pelo signo político. Cada referência olímpica se vê afogada na referência nazista<sup>52</sup>. Eis uma consequência entre outras: o hino nazista *Horst Wessel Lied* é tocado 480 vezes no estádio, o hino alemão 33 vezes.

A Copa do Mundo de futebol, conquistada pela Itália dois anos antes, já revelava a amplitude possível de uma politização: o time italiano já entrava em campo fazendo a saudação fascista, a mesma ilustrada pelo jogador símbolo do cartaz, jogadores e oficiais alemães vestiam um uniforme com o escudo do Reich. O Duce, onipresente, multiplicava palavras de ordem e declarações, a ponto de Jules Rimet, Presidente da Federação Internacional de Futebol (Fifa), confessar sua exasperação algumas semanas depois: "Tive a impressão, durante esta Copa do Mundo, que o verdadeiro presidente da

49. Apud COUBERTIN, P. *Souvenirs d'Amérique et de Grèce*. Op. cit., p. 156.

50. Apud BLAIZEAU, J.-M. *Les jeux défigurés*: Berlin 1936. Biarritz: Atlantica, 2000, p. 120.

51. Cf. (ibid.) o regime diário nas equipes alemãs preparadas "em tempo integral" a partir de um ano antes dos jogos.

52. Cf. HACHE, F. *Jeux olympiques: la flamme et l'exploit*. Paris: Gallimard, Col. "Découvertes", 1992.

Fifa era  
veis pelo  
mostrar

Mos  
conside  
ganizad  
lar, por  
ta dos n  
impuse:  
neira m  
pessoa,  
tranho

3. Festi

Ma  
ração c  
objeto  
vescên  
mento  
esbanja  
dos fer

A c  
1930, é

53. Jules  
50 ans d

54. Ibid.

55. Cf. I  
l'olympi

56. Cf. I

Fifa era Mussolini”<sup>53</sup>. Nada mais claro, aliás, nas declarações dos responsáveis pelo futebol italiano em 1934: “O objetivo último da manifestação será mostrar o que é o ideal fascista”<sup>54</sup>.

Mostram a politização, ainda, as tentativas de criar jogos paralelos aos considerados demasiadamente ameaçados pelo perigo fascista: os jogos organizados em 1936 em Barcelona pelo Comitê Catalão para o Esporte Popular, por exemplo, previstos para o dia 18 de julho e inviabilizados pela revolta dos militares no Marrocos Espanhol a 17 de julho<sup>55</sup>. Os Jogos de Berlim se impuseram, no fim das contas, enquanto a Carta Olímpica excluía da maneira mais formal: “Qualquer forma de discriminação de um país ou de uma pessoa, quer por razões raciais, religiosas, políticas, de sexo ou outra”<sup>56</sup>. Estranho e sombrio fascínio do esporte...

### 3. Festas

Mas além dessa identificação com o grupo, com a nação, além da exploração claramente política, o espetáculo esportivo é também, mais que antes, objeto de festa, jubilosa celebração coletiva, mistura de distensão, de efervescência e de mercado. O episódio chega até a criar seus rituais: o engajamento na sociedade do divertimento, com suas referências publicitárias, seu esbanjamento de imagens, seu ludicismo reinventado, fermento principal dos fervores coletivos de nossos dias.

A caravana da Volta da França, instalada na prova no começo dos anos de 1930, é o melhor exemplo do que se disse: imagens de papel machê, cartazes

---

53. Jules Rimet, presidente da Federação Internacional de Futebol (Fifa). Apud HUBERT, C. *50 ans de Coupe du Monde*. Paris: Arts et Voyages, 1978, p. 34.

54. Ibid.

55. Cf. BOULONGNE, Y.-P. *Pierre de Coubertin: humanisme et pédagogie – Dix leçons sur l'olympisme*. Lausanne: CIO, 1999, p. 106.

56. Cf. HACHE, F. *Jeux olympiques*. Op. cit., p. 74.

coloridos, músicos ambulantes, distribuições à farta. O caminhão do chocolate Menier, por exemplo, vai à frente dos corredores, na caravana de 1930, re-partindo 500.000 chapéus de papel levando o nome da marca. Seus agentes vão deixando pelos caminhos toneladas de barras de chocolate. Param no alto dos desfiladeiros, oferecem xícaras de chocolate quente aos espectadores e aos ciclistas<sup>57</sup>. A caravana enfatiza sem dúvida o aspecto festivo da "Volta"<sup>58</sup>. Por outro lado, as reportagens podem também afastar-se dos tons heroicos, jogar com o lazer, ousar referências sensuais até aí raríssimas: "Na Garonne, te, diante de um grupo muito numeroso de lindas banhistas mais despidas que o ano passado como o serão mais ainda no próximo ano do que neste"<sup>59</sup>. A alusão à moral dá mais lugar ainda à evocação do prazer compartilhado.

Outra construção festiva são os Seis Dias: 15.000 espectadores no começo da década de 1930. *L'Illustration* distingue aí os "arrebataados" e os "mun-danos". Os primeiros recorrem a uma folga no trabalho para assistirem à festa dia e noite, "com o pão, a salsicha e o vinho ao alcance das mãos"<sup>60</sup>, gritando, apaixonados, comentando sem parar surpresas e incidentes. Os segundos se detêm na festa à noite, curiosos, consumidores diletantes e elegantes: "É de bom tom chegar à festa tarde da noite, ou até depois do teatro; os que vão cear sentam à mesa, o champanhe corre a rodos..."<sup>61</sup> Lugar de encontro e de visibilidade, mistura de grupos também, e de pertencas, o esporte certamente se impôs na paisagem social<sup>62</sup>.

57. CHANY, P. *La fabuleuse histoire du Tour de France*. Paris: Odil, 1983, p. 245.

58. Quanto a este aspecto festivo, cf. GABORIAU, F. *Le Tour de France et le Vélo: histoire sociale d'une épopée contemporaine*. Paris: L'Harmattan, 1995. • SANSOT, P. "Tour de France: forma de liturgia nacional". *Cahiers Internationaux de Sociologie*, n. 86, 1989.

59. *L'Auto*, 20/07/1938.

60. "Os seis dias ciclistas de Paris". *L'Illustration*, 09/04/1932.

61. *Ibid.*

62. Quanto ao tema do cruzamento entre esportes, lazer e espetáculo entre as duas guerras, cf. WALKER, H. "The popularization of the outdoor movement, 1900-1940". *The British Journal of Sports History*, n. 2, 1985, p. 140.

#### 4. Imagem

Uma  
aos sons,  
câmeras,  
existência  
se empole  
quibanca  
automóvi  
longava e

O ráci  
diato, cri  
Os norte  
rádio a lu  
1921, so  
por todo  
muita ag  
tar a dur  
pelo rádi  
fixos e n  
dos coru  
sadas m  
radiofôn  
transmit  
com ent  
celulose

63. Cf. RA

64. Cf. RA  
municatio

#### 4. *Imagens e sons*

Uma das provas desse impacto é a importância que se dá às imagens e aos sons, sua presença sempre maior na difusão das notícias cotidianas. As câmeras, por exemplo, introduzidas nos estádios nos anos de 1930, dão existência às corridas ou às partidas nas atualidades cinematográficas. Elas se empoleiraram sobre os carros da Volta da França, instalam-se no alto das arquibancadas dos estádios, fixam-se na chegada do *cross*, na das corridas de automóveis, de barcos, de lanchas. Dão vida àquilo que, até então, só se prolongava graças à foto ou à narração.

O rádio faz mais nessas primeiras tentativas: fabrica a sensação do imediato, criando um laço direto entre o ouvinte e a competição “verdadeira”. Os norte-americanos são os pioneiros nessa experiência, transmitindo pelo rádio a luta entre Jack Dempsey e Georges Carpentier, no dia 2 de julho de 1921, sonorizando a multidão e os gritos, difundindo ruídos e comentários por todo o continente<sup>63</sup>. Este tipo de reportagem, no entanto, ainda não tem muita agilidade: dificuldade para variar seus locais, dificuldade de lhe resgatar a duração. A Volta da França, entre outras, está neste caso: transmitida pelo rádio a primeira vez em 1929, sua reportagem se limita aos instantâneos fixos e não registrados. Logo, no entanto, as coisas vão mudar. A entrevista dos corredores na chegada da Volta da França dos anos de 1930, com as pesadas máquinas dos PTT, revela os rápidos progressos feitos pelas emissões radiofônicas. A ruptura data de 1932, ano em que Jean Antoine e Alex Viroot transmitem as passagens registradas nos grandes desfiladeiros adornadas com entrevistas realizadas na hora da chegada<sup>64</sup>. A descoberta dos discos de celuloose imediatamente reproduzíveis possibilitou o processo. A transmis-

---

63. Cf. RAUCH, A. *Boxe, violence du XX<sup>e</sup> siècle*. Op. cit., p. 145.

64. Cf. RAUCH, A. “O ouvido e o olho do esporte, do rádio à televisão (1920-1995)”. *Communication*, n. 67, 1998: Le spectacle du sport.

são da noite mistura os testemunhos recolhidos “ao vivo” e os comentários efetuados depois das ocorrências. O ouvinte tem a sensação de estar mergulhado no coração da corrida, reconhecer as vozes, identificar os ruídos, e assim permitiu que o esporte existisse de outro modo.

### III. Dinheiro e desafios, o fascínio da tela

Inaugura-se com a televisão uma importante mudança: a imagem *live* instalada no espaço do lar completa a banalização do confronto esportivo. Mais profundamente, a telinha torna quase equivalentes as figuras esportivas e as figuras da mídia, privilegiando sistematicamente aparências e visibilidades. Joga com o *show*, com a apresentação do espetáculo contemporâneo, até transformar a própria prática, influenciar seus dispositivos, seus regulamentos. Joga com a sua faceta “excitante” para poder melhor “vendê-la”, transformar a imagem em mercado, tal como o foi a imprensa esportiva a partir do fim do século XIX. E isso leva, de maneira mais velada, a recriar formas de apresentação, rituais: uns nacionais, considerados capazes de marcar as afirmações “locais”, outros transnacionais, considerados como pretendentes a uma unanimidade “global”, planeta que entra em comunicação em um grande sonho de progresso dos corpos e da saúde.

#### 1. Fascínios e interesses

É necessário, em primeiro lugar, avaliar a importância desta imagem esportiva, sublinhar seu crescimento constante: a carga horária que a televisão francesa lhe consagra passou de 232 horas em 1968 para 11.000 em 1992 e 33.000 em 1999<sup>65</sup>. O peso do futebol profissional confirma-o, à sua maneira, pois atrai 10 milhões de espectadores em 2004, e 100 milhões de telespecta-

65. Cf. ANDREFF, W. A televisão e o esporte. In: VIGARELLO, G. (org.). *L'esprit sportif aujourd'hui: des valeurs en conflit*. Paris: Universalis, Col. “Le tour du sujet”, 2004, p. 171.

dores  
cípio  
financ  
tando  
culo 2  
missão  
bra pé  
para n  
dos lu  
Al  
A ORT  
TFL, A  
gastara  
(TPS) e  
bilhões  
númer  
cadeia  
anos pa  
de Barc  
missão  
34.862  
dos qual

66. THIRU  
67. Philipp  
1960. Cf. L  
68. MAITR  
69. “O casa  
70. MAITR

dores<sup>66</sup>. É necessário avaliar também o mercado dessa imagem. O velho princípio de uma imprensa patrocinadora das competições, para daí tirar lucros financeiramente, ou aquele mais recente, de mecenaz de todos os tipos tentando aumentar uma celebridade, deslocaram-se, nas últimas décadas do século XX, para a exploração da imagem pelas cadeias de televisão. A transmissão esportiva atrai os lucros: o organizador é pago pela cadeia, e esta cobra pelas mensagens publicitárias intercaladas na imagem, e esta multiplica para mais outros patrocinadores as ocasiões de existir. O entrecruzamento dos lucros constitui um sistema.

A lógica do mercado chegou a transformar o crescimento em vertigem<sup>67</sup>. A ORTF gastava 500.000 francos em 1974 com o futebol francês; em 1984, TF1, A2 e FR3 gastavam 5 milhões de francos; em 1990, as cadeias francesas gastaram 230 milhões<sup>68</sup>; enquanto isso, o Canal+ e a Télévision par satellite (TPS) empenharam em 2000 para os cinco anos sucessivos uma soma de 8,7 bilhões de francos<sup>69</sup>. Em poucos anos ficou quase impossível comparar os números. Investimento igualmente maciço para as cadeias estrangeiras: "A cadeia norte-americana NBC deve ter gasto 1,67 bilhão de dólares em oito anos para retransmitir sucessivamente os Jogos Olímpicos de Seul (1988), de Barcelona (1992) e de Atlanta (1996)"<sup>70</sup>; os direitos exclusivos de transmissão por TV dos jogos olímpicos passaram, para o conjunto dos países, de 34.862 dólares em 1976 para 1.332 milhões de dólares em 2000 (Sydney) – dos quais 54 milhões somente para as redes francesas –, 1.498 milhões de

---

66. THIRIEZ, F. "Cinco verdades sobre o 'foot-business'". *Le Monde*, 27-28/02/2005.

67. Philippe Verneaux analisa a progressão do "mercado" de dez em dez anos a partir de 1960. Cf. *L'argent dans le sport*. Paris: Flammarion, 2005, p. 121-284.

68. MAITROT, É. *Sport et télé, les liaisons secrètes*. Paris: Flammarion, 1995, p. 358.

69. "O casamento do dinheiro, do esporte e da televisão..." *Le Monde*, 08/02/2000.

70. MAITROT, É. *Sport et télé, les liaisons secrètes*. Op. cit., p. 284.

dólares em 2004 (Atenas), 1.715 milhões de dólares em 2008 (Pequim)<sup>71</sup>. Da mesma forma, os direitos para a Copa do Mundo de futebol aumentaram 1.075% entre 1992 e 2002<sup>72</sup>.

Isso impõe, em muitos casos, a televisão como a primeira fonte de financiamento do esporte<sup>73</sup>: os direitos de retransmissão representavam, por exemplo, 1% das receitas do futebol em 1980, mas hoje representam 30% destas, muito à frente dos patrocinadores, 13,6%, do público, 13,2%, e das coletividades territoriais, 7,9%<sup>74</sup>. Uma constatação numérica acentuou aqui o investimento na retransmissão: o medo de “esvaziar os estádios”<sup>75</sup> com a difusão das imagens logo se mostrou infundado: a frequência aos estádios aumentou 30% em quinze anos, enquanto as retransmissões se multiplicavam por dez<sup>76</sup>. Outras palavras, o futuro dos grandes clubes passa em boa parte pelos direitos de retransmissão, reduzindo os torcedores a dinossauros vagamente incômodos.

O investimento dos patrocinadores está igualmente à altura das somas precedentes. Um só programa, o TOP III, permitiu ao Comitê Olímpico Internacional amearhar 600 milhões de dólares entre 1993 e 1996, com os dez parceiros mundiais compondo a elite desse programa (de modo especial IBM®, Kodak®, Visa®, Matsushita®, Xerox® e Coca-Cola®) pagando um ticket de entrada de 40 milhões de dólares para serem os patrocinadores privilegia-

71. Cf. ANDREFF, W. & NYS, J.-F. *Le sport et la télévision, relations économiques: pluralité d'intérêts et sources d'ambiguïté*. Paris: Dalloz, 1987, p. 116. “O casamento do dinheiro...” Art. cit. Quanto aos jogos olímpicos e quanto ao “fenômeno de mercado”, cf. JENNINGS, A. *The new lords of the ring – Olympic corruption and how to buy medals*. Londres: Simon & Schuster, 1996.

72. Cf. ANDREFF, W. “A televisão e o esporte”. Art. cit., p. 172.

73. John Sugden e Alan Tomlinson falam de um “mercado universal”: *Fifa and the contest for world football*. Cambridge: Polity Press, 1998, p. 98.

74. “O casamento do dinheiro...” Art. cit.

75. Cf. POISEUIL, B. *Canada, l'aventure du sport: entretiens avec Bernard Puiseuil*. Paris: Éditions, 1996, p. 274.

76. “O casamento do dinheiro...” Art. cit.

dos de  
igualm  
menos  
mente  
ção ef  
salvar  
xeia, t  
Karaç  
Unive  
sibilic  
Apoia  
antes  
equip  
2000:  
tuíve  
L  
petác  
inter  
hoje  
do p  
maio  
trans  
micc

77. N

78. “

79. II

80. C

81. “

82. “

dos do mundo olímpico<sup>77</sup>. Mais modestos são os investimentos locais, mas igualmente reveladores, mais ligados também à fascinação social e aos fenômenos identitários que o esporte provoca. Limoges, por exemplo, recentemente sofrendo com seu basquete por causa de graves erros na administração encontra, sem demasiadas dificuldades, os patrocinadores capazes de salvar o clube: “Se o basquete tropeça, diz um deles, é toda a cidade que corre, um golpe muito ruim para o moral”<sup>78</sup>. Daí esta conclusão de Jean-Pierre Karaquillo, fundador do Centro de Direito e de Economia do Esporte na Universidade de Limoges, que é bem significativo das transformações da visibilidade do esporte: “O mais poderoso veículo de comunicação é o esporte. Apoiar o basquete é uma forma de patrocínio público. Quanto custa? Seria antes necessário perguntar: quanto isso rende?”<sup>79</sup> Conclusão idêntica para a equipe de futebol de Lyon, que multiplica os títulos no começo dos anos de 2000: “O time olímpico de Lyon constitui um vetor de irradiação insubstituível”<sup>80</sup>, reconhece o prefeito da cidade em 2005.

Daí o prestígio real ou aparente investido na organização de grandes espetáculos internacionais, a extrema efervescência das cidades candidatas, a interminável campanha de que são objeto: “Treze desconhecidos chegam hoje a Paris [os “avaliadores” olímpicos], e uma visita de George W. Bush, do papa ou de um avião lotado de estrelas de Hollywood não despertaria maior excitação”<sup>81</sup>. A escolha definitiva executaria a metamorfose: a cidade transformada em “imagem mundial”, transportada por um “impacto econômico” que “faz sonhar”<sup>82</sup>.

77. MAITROT, É. *Sport et télé, les liaisons secrètes*. Op. cit., p. 284.

78. “Essas cidades que a bola põe em alvoroço”. *Le Nouvel Observateur*, 10-16/02/2000.

79. Ibid.

80. Conversa com Gerard Collomb, prefeito de Lyon. *Le Monde*, 23/02/2005.

81. “Paris quer demonstrar sua chama olímpica”. *Libération*, 08/03/2005.

82. “O impacto econômico dos JO faz sonhar”. *Libération*, 11/03/2005.

Será também necessário avaliar as desigualdades, que logo dão na vista, provocadas apenas pela imagem televisada. Alguns esportes privilegiados (menos de dez) representam, só eles, de 90% a 95% das praias de antena esportiva<sup>83</sup>. Já entre os cinco esportes que têm a maior audiência, alguns deles, como a Fórmula 1, continuam sendo muito pouco práticos<sup>84</sup>. Quanto ao futebol, é de longe o esporte que ainda apresenta as maiores vantagens. É do futebol que o Canal+ tira a maior parte do seu sucesso<sup>85</sup>: os clubes de futebol que atraem a maior parte do dinheiro investido: seu orçamento é "sete vezes superior, para um mesmo nível de competição, ao de um clube de basquete e trinta e duas vezes superior ao de um clube de vôlei"<sup>86</sup>. Desigualdade, além disso, que divide os próprios clubes de futebol: o número de partidas transmitidas por equipes depois de vinte e sete dias de campeonato, em 1999-2000, pode ir de vinte e três a um<sup>87</sup>. O clube mais "retransmitido", Marseille, está longe de ser, naquele momento mesmo, o primeiro do campeonato<sup>88</sup>. Mas isso mostra, de novo, a estranha mistura de causas que levam à retransmissão, nem todas exclusivamente esportivas. Coisa que confirma também esta palavra do presidente de TF1 em 1991: "O Olympique de Marselha é uma estrela de TF1. E, como todas as estrelas de TF1, merece um tratamento particular"<sup>89</sup>.

83. Cf. ANDREFF, W. O atleta e o mercado. In: *Sport et télévision* – Actes du Colloque de Valence. Valence: Crac, 1992, p. 60.

84. Cf. NYS, J.-F. Uma lógica capitalista. Op. cit., p. 65.

85. POISEUIL, B. Canal+, l'aventure du sport. Op. cit., p. 274.

86. "O 'sport-biz' mergulha na corrida atrás do lucro". *Le Monde*, 08/02/2000.

87. "Nem todas as equipes da 1ª D ganham a mesma cobertura da TV". *Le Monde*, 09/03/2000.

88. Depois de vinte e sete rodadas de competição, os jogos do Marseille foram transmitidos vinte e três vezes enquanto o clube se acha, no mesmo momento, na décima terceira colocação; os do Mônaco foram transmitidos quinze vezes, enquanto o clube ocupa, no mesmo momento, a primeira colocação (ibid.).

89. MAITROT, É. *Sport et télé, les liaisons secrètes*. Op. cit., p. 329.

## 2. O "show"

Resta a avaliar os efeitos

Um fecho das telas e suas cores. Deixando em um show rando fessores e das cores previstas: mente<sup>90</sup> zar o pai por exer em 1984 ocasião Catalun lona em fundam que seja serva, a cional: "super: primei Se também

90. Cf. 1896-2

91. En

## 2. O “show”

Resta uma imagem que focaliza todas as atenções: os efeitos de anúncio, os efeitos de show.

Um fenômeno particular assume mais importância com a presença das telas e sua difusão por todo o planeta: as cerimônias em torno das competições. De modo particular, a “abertura” dos grandes encontros se transforma em um show cuidadosamente pensado: um sem-número de quadros misturando festa e símbolo<sup>90</sup>. Festa, sem dúvida, para alegrar o olhar dos espectadores e dos telespectadores, daí a ênfase no efeito visual, o jogo das massas, das cores e dos movimentos. Esta é a impressão de muitas testemunhas entrevistadas, longe dos velhos discursos moralizadores: “Era a festa, simplesmente”<sup>91</sup>. E símbolo também, para traduzir melhor aquilo que pode valorizar o país organizador: ocasião para enaltecer sua história (a dos pioneiros, por exemplo, contada pelos organizadores das Olimpíadas de Los Angeles em 1984, a dos aborígenes, contada nas Olimpíadas de Sydney em 2000); ocasião para enaltecer também seu solo, seu território, sua geografia (a da Catalunha mediterrânea, por exemplo, encenada pelas cerimônias de Barcelona em 1992). A festa alcança uma ressonância maior ainda e talvez mais fundamental: ela deve ter um sentido para o público, por mais cosmopolita que seja, ela pretende ser um “símbolo” mundial. Daí a tendência que se observa, a partir de algumas olimpíadas, de criar rituais com vocação transnacional: imagens idílicas da paz, imagens idílicas da “confraternização”, a “superação das barreiras”, entre outras e, por exemplo, apresentados pela primeira vez pelos coreanos em 1988.

Sem dúvida, muita crença nesta vontade transnacional, muita miragem também, mesmo que tenham nascido com ela os primeiros balbucios de ri-

90. Cf., para uma ideia de conjunto das cerimônias de abertura dos Jogos Olímpicos, 1896-2004, *d'Athènes à Athènes*. 2 vol. Paris: L'Équipe/Lausanne/Musée Olympique, 2004.

91. Entrevista com um espectador. *Le Monde*, 29-30/08/2004.

tos mundiais pensados para lá das nações e das religiões. Daí um sentimento de “magia”, de fascinação um tanto complacente que podem exercer, um imaginário quase futurista igualmente: um ritual onde entraria em comunhão o conjunto das nações.

A cerimônia organizada para os jogos de Albertville em 1992 é sob este aspecto um exemplo canônico. Imensa ostentação formal onde se impõem uma inventividade e um jogo dinâmico de silhuetas, perfis surpreendentes concebidos pelo coreógrafo prolífico Philippe Decouflé. Alguns grandes temas coletivos e “federadores” são enunciados: diferenças e diversidade, arte do gesto, especificidade de cada esporte, este mesmo transformado em “prática artística”, esforço indefinido à procura de *performances* para escapar à gravidade. Aí também se exhibe, sem dúvida alguma, um imaginário do corpo contemporâneo, privilegiando aqui esbelteza e leveza, movimentos vertiginosos, erupções de agilidade e mobilidade. O contrário bem visível dos velhos valores de força e de robustez escultural. As cerimônias, em outras palavras, ilustram uma simbólica e uma vontade.

Os comentários dos resultados confirmam, no entanto, o vigor das sensibilidades nacionais, a dos investimentos locais. Os balanços procuram incansavelmente a classificação dos países, recuaram-se, avançaram-se: “O esporte francês perde mais uma posição”<sup>92</sup>, diz a manchete de *Le Monde* depois dos jogos de Atenas em 2004, “a posição da França no concerto olímpico vai sofrendo uma erosão lenta, mas segura”<sup>93</sup>. Seguem-se os alertas sobre a preparação olímpica, os inevitáveis “questionamentos”, as necessárias revisões... O grande espetáculo esportivo empenha, deve-se dizê-lo, a imagem de uma nação. O que confirma até que ponto a tela desempenha aqui um papel: consumo desenfreado e engajamento grupal, espetáculo de massas dispersas, separadas e manifestação coletiva. Nossa sociedade, que hoje descar-

92. *Le Monde*, 31/08/2004.

93. *Ibid.*

ta alg  
das p

3. As

A

fluen

temp

nado

por e

jogo.

puta

contá

adota

suces

mun

blicit

post

Não

(

que v

sas, é

atrai

mas

tante

vado

94. C  
1998:

95. B]  
noui

96. Ib

ta alguns impulsos federadores, encontraria no esporte o eco enfraquecido das pertencças? A imagem é central.

### 3. As recomposições do jogo

A imagem se torna original ainda quando, para ser melhor difundida, influencia o dispositivo material das práticas: os regulamentos, os espaços, os tempos. Fazer que o ténis possa tornar-se objeto de um espetáculo televisivo não significa poder melhor administrar a duração das partidas? Evitar, por exemplo, a disputa interminável dos dois pontos de diferença em um jogo. Daí a invenção do *tie-break* durante os anos de 1970, onde o jogo disputado se prolonga até o limite fixo de 10 pontos. Isso transforma, no fim de contas, as táticas, as qualidades, os cálculos. Solução idêntica no voleibol, adotada mais recentemente. Solução parecida ainda em atletismo, onde as sucessivas largadas em falso não são mais toleradas a partir do campeonato mundial em 2002. Acrescem a isso as modificações devidas às injunções publicitárias para multiplicar as áreas de difusão: os quatro tempos parciais imposts ao futebol americano ou os tempos mortos imposts ao basquetebol. Não resta dúvida: o jogo é transformado pela tela<sup>94</sup>.

Os estádios norte-americanos oferecem o melhor exemplo de cenários que visam mais ainda o "grande espetáculo de variedades"<sup>95</sup>. Imagens nervosas, atores coloridos, gestos ou dispositivos arrumados para seduzir o olhar, atrair os curiosos para lá dos amadores apenas: "Os *cheer leaders*, claques masculina inicialmente, tornaram-se garotas bonitas, rechonchudas e saltitantes; o balé complexo das fanfarras, as *marching bands*, antigamente reservado ao futebol universitário, generalizou-se"<sup>96</sup>.

---

94. Cf. VIALON, P., "A televisão como acelerador do movimento". *Communication*, n. 67, 1998: Le spectacle du sport.

95. BERTRAND, C.-J. "Esportes e mídia nos EUA". *Esprit*, vol. 55, n. 4, abr./1987, p. 221: Le nouvel-âge du sport, abril de 1987, p. 221.

96. *Ibid.*

Interminável trabalho para administrar as horas e os minutos das provas, enfim, com o risco de prejudicar os próprios atletas: os horários de finais olímpicas “fixados para permitir, quanto possível, às cadeias norte-americanas e europeias transmiti-las em *prime time*, com a mais alta tarifa publicitária e isto, mesmo quando os jogos são disputados em Seul ou em Sydney”<sup>97</sup>. A tela impôs suas pressões, se não suas leis.

#### 4. A tela e o código

A tela inventou códigos também: uma maneira de informar, uma maneira de mostrar.

É necessário alternar a visão de uma mesma corrida em duas situações diferentes – a da beira das estradas e a da imagem “televisada” –, para constatar como podem diferir os dois espetáculos, a ponto de se tornarem estranhos um ao outro. O universo de um maratonista seguido a partir do asfalto e o de um maratonista seguido a partir da tela não são os mesmos. Passar de um ao outro provoca uma impressão estranha, a de uma conversão obscura, incontrolável, aquela sentida pelo espectador local subindo alguns andares para pegar o controle da televisão depois de ter deixado os corredores: uma metamorfose do olhar.

Observar da beira da calçada é assistir a uma passagem e a uma sucessão, multiplicar situações em *degradé*, ir da destreza dos primeiros colocados às crispções dos que vêm atrás, distinguir atletas olímpicos inacessíveis e desconhecidos sofrendores. Já observar da tela é nunca se atrasar, acompanhar os corredores e, de modo particular, os primeiros. A sucessão é aí de ponta a ponta diferente: não mais a renovação dos perseguidores, mas a renovação das posições, o desfilar sem fim de um avanço. A sucessão se torna progressão vista da tela, é regressão vista da rua. A imagem televisada se limita à ca-

97. ANDREFF, W. “A televisão e o esporte”. Art. cit., p. 183.

beça da corrida, mantendo o telespectador perto do primeiro colocado, sublinhando o lento murchar dos dominados como as incessantes táticas dos dominantes. Ela apaga a emoção da passagem, a da fugacidade, a consciência de um sem-número de perseguidores. Ela anula também o estranho sentimento de fragilidade oferecido pelos corredores que se arriscam em um cenário superdimensionado. Perde em densidade para aquele que olha a calçada; multiplica as informações para aquele que assiste à transmissão.

Deste modo a tela e a logística que a acompanha fabricam uma outra dimensão da corrida: criam uma prova dentro da prova. Um suspense acentuado pelas perguntas dos comentaristas: a esperança dos perseguidores merece algum crédito? Os corredores daqui vão mais depressa que os do outro lugar? Mais rápido que os de ontem? Seu tempo será o melhor? Cada número aviva as comparações e as curiosidades. Cada chamada renova e reforça o interesse. A expectativa se focaliza logo sobre o recorde da prova indefinidamente evocado pelo comentário, rua após rua, encruzilhada após encruzilhada. O telespectador não está mais mergulhado na multidão em movimento, mas em uma indefinida coorte de referências e de números. Está participando de um novo jogo codificado pelos *inserts* que correm ao fundo da imagem.

Com o comentário, o telespectador viaja para outras realidades: a das corridas anteriores ou das corridas concorrentes, a viagem de confrontos indefinidamente comparados. Evoca a "lenda", o espaço mítico dos melhores, os heróis que a memória esportiva deveria conservar, "os primeiros de todos os primeiros" dos quais o corredor precisamente acompanhado pela câmera poderia agora fazer parte. É até o comentário que valoriza mais ou menos as "boas" transmissões. Introduz o espaço e o tempo esportivos naquilo por que são feitos: o mundo do mito, o mundo da narrativa, aquele que induz a acreditar em histórias e valores. Introduz no imaginário como o faz tradicionalmente o jornal esportivo, acrescentando ao mesmo tempo uma vertente que a imprensa não tem: a do presente imediato. Insensivelmente, nossas telas criam assim novos jogos. Multiplicam o estado febril e os desafios multiplicando as comparações e os números.

Põem ainda diante de uma sofisticação intensa: correm na tela os tempos, acumulam-se as referências numéricas, a imagem se desdobra para criar a sensação de ubiquidade, a imagem é passada em câmera lenta para oferecer mais detalhes, repete-se a imagem para sublinhar melhor alguns momentos. Daí ter surgido uma nova competência televisiva, uma nova maneira de olhar o esporte e, no fim das contas, uma nova maneira de apreciá-lo. Os recursos da narração baseados em um recurso aos números também: o computador indica, no jogo de basquete, o número de cestas marcadas pelos jogadores no decorrer da partida, no decorrer de outras partidas, o número das faltas cometidas, o número dos lances livres. O computador indica, no tênis, a classificação do jogador, seus resultados no curso do torneio, a velocidade da bola no serviço, o número de *aces* obtidos, o número de faltas diretas, o número dos primeiros serviços passados. Indica, no futebol, o número dos escanteios, o dos tiros livres e dos impedimentos, o dos cartões aplicados aos jogadores que fazem faltas, o tempo decorrido e o tempo que falta. A tela não permite ver melhor, mas cria uma nova maneira de ver. Também mergulha diretamente o telespectador no mito, uma história construída para lá do jogo, feita para aquele que olha, excitante, sedutora, para a qual este mesmo telespectador é complacentemente convidado. Um mito infantil, sem dúvida. Mas será sempre irrisório, este mito, mesmo que o seu suporte, aqui, não seja muito diferente daquele dos videogames?

Seria por todas essas razões que as grandes competições esportivas não podem mais realizar-se sem a presença de um telão que ajuda os espectadores das pistas ou dos estádios a verem de outro jeito?

### 5. *A parte de sombra*

A imagem, todavia, tem uma parte de sombra que revela também a parte escura do esporte. O episódio lamentável e simbólico, por exemplo, que ocorreu no dia 29 de maio de 1985, em Bruxelas, no Estádio do Heysel, na final da Copa da Europa de futebol entre os times do Liverpool e do Juventus

de Tu  
torce  
bruta  
pisot  
ment  
partic  
munc  
chora  
segue  
A  
confr  
dissi  
finan  
ta do  
dura  
redo  
sécul  
mida  
opac  
hoje  
orga  
desa  
prot  
do e  
de d  
vagu

98. T  
99. C  
100.  
101.

de Turim. "Torcedores" de Liverpool agrirem nas tribunas, antes do jogo, torcedores de Turim. Ocorre a seguir um poderoso movimento da multidão brutalmente interrompido pelas grades, ao qual se sucedem quedas e corpos pisoteados. O balanço é muito triste: 38 mortos e 454 feridos. Mas igualmente lamentável a decisão tomada pelos responsáveis ordenando que a partida se realizasse. O jogo tem lugar, as imagens o transmitem para todo o mundo, ao passo que a poucos metros agonizam torcedores feridos. "É de se chorar, e por isso choramos"<sup>98</sup>: é só isso que *L'Équipe* do dia 30 de maio consegue dizer. A tela triunfou ignorando o horror.

A parte de sombra é feita dessas transgressões: desvios provocados pelos confrontos e a sua paixão enquanto o espetáculo e suas urgências tendem a dissimulá-los. Mas são conhecidos. E antigos: violências, *doping*, corrupçãoes financeiras acompanham o esporte desde as suas origens. Já se perdeu a conta dos "abusos" na história do esporte, desde as violências de espectadores durante a realização das primeiras Voltas da França para atrasar alguns corredores<sup>99</sup> até os acidentes causados propositalmente nas partidas do final do século XIX, para ferir gravemente alguns jogadores<sup>100</sup>, ou à cocaína consumida bem cedo pelos pugilistas para elevar os limites de dor<sup>101</sup>. Risco de opacidade tradicional no universo esportivo, sem dúvida. E aumentou ainda hoje: as áreas de sombra se estenderam, tornaram-se mais trabalhadas, mais organizadas, proporcionais à grandeza do espetáculo e à diversidade dos desafios: os membros da sociedade esportiva e seu público tendem, logo, a proteger essas áreas de sombra para melhor protegerem o mito de perfeição do esporte, ou mesmo reforçá-lo. Os incidentes ganham com a notoriedade do esporte, exatamente como ganham os esforços maquiadores para salvaguardar a pureza sobre a qual o esporte pretende fundar-se.

98. THIBERT, J. "A horda assassina". *L'Équipe*, 30/05/1985.

99. Cf. CHANY, P. *La fabuleuse histoire du Tour de France*. Op. cit.

100. Cf. GARCIA, H. *La fabuleuse histoire du rugby*. Paris: Odil, 1974.

101. Cf. MONDENARD, J.-P. *Drogues et dopages*. Paris: Chiron, 1987, p. 67.

Instala-se a contradição no coração do sistema, mais acentuada que nunca pela ascensão do espetáculo, pela profusão das tensões e dos desafios. O mundo esportivo, para responder às expectativas deve ir até o extremo, a imagem esportiva para provocar excitação deve beirar o "excesso". É preciso preparar o corpo do campeão até o risco físico, beirar a violência, a ruptura. Deve-se pagar os atores até o risco financeiro, flertar com a trapaça, o abuso. Enquanto o esporte, para convencer, deve promover uma "limpeza", a da igualdade das oportunidades, a da saúde. Deve, para criar a adesão, fazer imaginar um mundo imparcial e controlado.

Esses três desvios, a violência, a corrupção e o *doping*, reaparecem hoje para lembrar até que ponto o direito e o poder público são atingidos e não somente a sociedade esportiva<sup>102</sup>.

O trágico exemplo do Heysel ilustra muito bem a face da violência atual como as arruaças de Marseille ou de Lens, por ocasião dos jogos da Copa do Mundo, em junho de 1998, onde muitas ruas foram perturbadas por esses *hooligans* que um ministro inglês qualificava de "brutos embriagados e des-cerebrados"<sup>103</sup>. Violência limitada, sem dúvida, mas complexa, espetacular sustentada, segundo alguns, por um fundo de nacionalismo exacerbado, alimentada pelo álcool também, consumido em bruscos acessos festivos, violência de excluídos, segundo outros ainda, aqueles que sofrem do modo mais brutal a contradição entre necessidades solicitadas sem cessar e por uma sociedade da abundância e a impossibilidade também permanente para alguns de terem acesso a ela<sup>104</sup>. Essa violência mostra, de maneira definitiva

102. Cf. QUEVAL, I. *S'accomplir ou se dépasser* (Op. cit.) ou ainda, em um número especial do *Le Monde* consagrado a "21 questões ao século XXI" (DALLONI, M. "Mais alto, mais rápido, mais forte? Os atletas ébrios de recordes e dinheiro", dez./1999).

103. *Le Monde*, 16/06/1998.

104. Cf. MIGNON, P. "O hooliganismo: problema social e pânico moral". *La passion du foot-ball*. Paris: Odile Jacob, 1998, p. 141.

a vulnerabilidade de seu projeto. As arrecações nacionais. Daí tais condutas. 1996, f. Interna. seus membros. bora situar o quérulo. clubes e futebol. ceiras. jogo que todos é tal exemplo. o caráter. Qua. 1980-1990. sintéticos inéditos. desequilíbrio.

105. *Libération*.  
106. *Le Monde* que indico de 1995 re.  
107. "Opet".  
108. *Ibid.*

a vulnerabilidade possível do esporte, exposto a excessos favorecidos pelo seu próprio sucesso.

As investigações sobre as partidas com resultados arranjados, sobre as arrecadações falsificadas, sobre as “compras” de votos nas instâncias internacionais do esporte ilustram o outro desvio, o das corrupções financeiras. Daí tantas suspeitas repetidas: aberturas de processos diversos, multiplicidades de acusados, arquivos que pegam fogo em Nagano depois dos jogos de 1996, para apagar qualquer pista de processo<sup>105</sup>, sessão do Comité Olímpico Internacional excluindo, nos dias 17 e 18 de março de 1999<sup>106</sup>, alguns dos seus membros por ato de corrupção passiva. A mudança dos desafios colabora simplesmente para uma profissionalização dos desvios: os dezenove inquéritos promovidos em fevereiro de 2005 com relação “aos cinco grandes clubes de futebol franceses, as cadeias de televisão, a liga, a Federação de Futebol e algumas sociedades de publicidade”<sup>107</sup> sobre possíveis fraudes financeiras são primeiramente um sinal claro, o de um aumento das somas em jogo que agravam o risco de malversação e abusos. A natureza desses gastos é também envolvida: “As operações de transferência dos jogadores, por exemplo, seriam as mais propícias às manobras fraudulentas, tendo em vista o caráter imaterial do preço do jogador”<sup>108</sup>.

Quanto ao *doping*, este se impõe como a maior disfunção na década de 1980-1990: recurso para o atleta a produtos largamente inéditos, hormônios sintéticos, anabolizantes musculares, excitantes nervosos, riscos igualmente inéditos de doenças no longo prazo, cânceres, doenças cardiopulmonares, desequilíbrios hormonais, males de uma população onde se misturam cam-

105. *Libération*, 17/01/1999.

106. *Le Monde*, 19/03/1999. Vários membros do COI teriam obtido favores após a votação que indicou Salt Lake City por esmagadora maioria por ocasião da 104ª sessão de 16 de junho de 1995 realizada em Budapeste (cf. *Sunday Morning Herald*, 24/02/1998).

107. “Operação Futebol mãos limpas”. *Le Point*, 24/02/2005.

108. *Ibid.*

peões novatos e campeões consagrados. Apenas um dos lados mais inquietantes da prática, não porque desvela alguma trapaça e causa danos a uma certa igualdade entre competidores, mas porque prejudica a integridade do corpo, infiltrando a doença justamente onde deveria triunfar a saúde. Faceta inquietante ainda pelo fato de prolongar a certeza, que se tornou banal em nossa cultura, de um corpo considerado indefinidamente maleável, capaz de novos arranjos sempre mais diversificados, aqueles prometidos pela medicina ou pela química. Alguns títulos de revistas científicas destacam a evolução recente dessa certeza: corpo comparado a uma “máquina aperfeiçoada indefinidamente”<sup>109</sup>, em *Science et vie* de 1968, associando “centelha nervosa” e “reações químicas”, corpo comparado a um “aparelho codificado” em *Science et avenir* de 2002, visando um “atleta geneticamente modificado”<sup>110</sup>, onde novas fibras poderiam ser “fabricadas” segundo a escolha de um programador. A imagem acompanha a cultura do tempo, mudança de modelo, confirmando o tema de metamorfoses “pensáveis”, mesmo que para muitos, ainda fossem atualmente inalcançáveis.

Existe ainda o risco conhecido das práticas de *doping*, o mercado novo que geram, o questionamento de “estrelas do esporte”<sup>111</sup> que revelam.

Noutras palavras, se o espetáculo foi lentamente se instalando no mundo do esportivo, é inegável que triunfou aí, misturando uma sutil dosagem de fascinação pela *performance*, de investimento identitário, de invenção de mercado. O gigantismo ininterrupto do esporte, sua visibilidade em todas as latitudes, sua onipresença na mídia inevitavelmente suscitarium, em contrapartida, uma tendência à transgressão. Nenhuma surpresa quanto a isto a paixão é necessariamente, aqui, a do excesso, como a única resposta possível é necessariamente a da lei. Resposta que tira toda a sua força do recurso ao poder público muito mais que à própria instância esportiva.

---

109. *Science et Vie*, nov./1968.

110. *Science et Avenir*, ago./2002.

111. “Doping, a América vai à guerra”. *L'Express*, 14/03/2005.